

> Estudos Culturais, Estudos Literários e Discussão Pós-Colonial: refletindo sobre o pensamento crítico

> Cultural Studies, Literary Studies and Post-Colonial Discussion: reflecting upon critical thinking

por **Alisson Preto Souza**

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras pela UFRGS, área de Literatura e bolsista CAPES. E-mail: alissonsozaprof@gmail.com. ORCID: 0000-0003-0548-0229.

Resumo

Além de recuperar a trajetória inicial dos Estudos Culturais e a noção de cânone, este artigo preocupou-se com a produção do pensamento crítico nos estudos literários. A metodologia utilizada para repensar o locus do artefato literário e a enunciação na área Pós-Colonial foram os Estudos Culturais e a Semiótica. Enquanto na primeira discussão demonstrou-se a importância das esferas da cultura e das formações discursivas para o trabalho articulatório entre literatura e cânone literário, na segunda discussão, observou-se como se comporta a enunciação na disciplina de estudos pós-coloniais. Os resultados desse trabalho demonstram que tanto a repetição do ângulo discursivo quanto o uso de palavras estereotipadas prejudicam a produção do olhar crítico para o próprio alargamento da teoria Pós-Colonial.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Cânone literário. Pensamento crítico.

Abstract

Besides recovering the initial trajectory of the Cultural Studies and the notion of the Canon, this article concern was the production of critical thinking on the literary studies. The methodology used to rethink the locus of the literary artifact and the enunciation in the Post-Colonial field were the Cultural Studies and the Semiotics. Whereas the first discussion demonstrated the importance of the cultural sphere and the discursive formations to the articulatory work between the literature and the literary Canon, the second discussion contemplated how the enunciation behaves in the Post-colonial studies course. The results showed that both the repetition of the discursive angle and the use of stereotyped words harm the production of critical view within Post-colonial theory.

Keywords: Cultural Studies. Literary Canon. Critical Thinking.

> Artigo recebido em 02.05.2019 e aceito em 09.07.2019

1. À guisa de uma introdução

Além de apresentar um mapa introdutório da relação entre os Estudos Culturais e os estudos literários, este trabalho tem como espinha dorsal duas discussões derivadas dessa articulação. A primeira discussão corresponde a uma proposta para perceber o cânone e o objeto literário através de um viés culturalista. Com base nas representações culturais, levou-se em conta as formações discursivas para o exame dos artefatos literários. A segunda discussão corresponde a uma reflexão acerca da questão enunciativa dentro do tema colonial. Essa reflexão traz a repetição do ângulo argumentativo e o uso do estereótipo como os principais responsáveis pela defasagem do pensamento crítico da teoria pós-colonial.

A aproximação entre os Estudos Culturais e pós-colonialismo acontece por ser o segundo uma linha de estudo resultante do surgimento do primeiro, como observa Stuart Hall. Para o autor, os Estudos Culturais possibilitaram uma articulação interdisciplinar entre literatura, cultura e poder. O pós-colonialismo, portanto, nasce a partir da visibilidade das condições expressas no discurso do domínio colonial, investigando a relação entre as instituições, o poder e os discursos, tendo sempre em vista a configuração dessas sociedades.¹

Parte dos intelectuais da atualidade define os Estudos Culturais como um campo de articulação de saberes, que tem por objetivo explorar formações discursivas sobre objetos inseridos na cultura. Em contrapartida, outros os definem como um conjunto de conceitos forjados pelos ingleses, para um redirecionamento da narrativa da Inglaterra como nação.² Silveira, Costa e Sommer descrevem-no como uma anti-disciplina, uma vez que tensionam tanto

(...) disciplinas consagradas, como movimentos políticos, práticas acadêmicas e modos de investigação tais como o marxismo, o pós-

¹ Russel Hamilton, *As Literaturas de PALOP e a Teoria Pós-Colonial*. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/48809/52884> Acesso em: 14 abr. 2019

² Bill Schwartz, *Onde estão os Cultural Studies?*, 2000, p. 49.

colonialismo, o feminismo e o pós-estruturalismo. Esse é o motivo pelo qual são frequentemente descritos como uma antidisiplina ou pós-disciplina.³

Grosso modo, pode-se dizer que o núcleo de suas preocupações iniciais produziu reflexões acerca das manifestações da cultura. Por outro lado, essa visão multifacetada, descentrada e menos moralista da cultura não correspondia às configurações sociais do século XIX. Essa desconfiança sobre o discurso histórico instaurado como verdade institucionalizada desestabilizaria a fixidez e a visão de unidade historiográfica apenas no percurso do século XX.⁴ Contudo, ainda que a visão separatista e homogênea da cultura estivesse mundando para uma visão interdisciplinar e articulada das áreas do saber, a hierarquia e a verticalidade produzidas pelo discurso permaneceria para garantir o abismo entre as classes sociais.

Para intelectuais estrangeiros como Stuart Hall, era evidente que ter certos conhecimentos implicava desfrutar de um lugar privilegiado e prestigiado na sociedade. Como vão demonstrar os principais estudos de Hall relacionados à representação cultural, a materialidade do discurso pode destacar no estereótipo, por exemplo, o preconceito e a discriminação. No sistema linguístico, os estereótipos são os principais agentes sógnicos vinculados à verticalidade da organização social. Sendo as formas de apresentação de si cada vez mais abertas para o reconhecimento do *outro*, existe uma multiplicação de significados possíveis em diálogo com os interesses culturais dos estados nacionais.

O sujeito das luzes, por exemplo, foi aos poucos migrando sua identidade para reconhecer-se como sujeito moderno, impactando questões que envolvem saber e cultura. A partir do reconhecimento da constituição do discurso e da resignificação do *Outro*, contesta-se as tradições e os aspectos centralizadores das representações culturais. Essa transformação faz com que a relação entre

³ Marisa Costa, Rosa Silveira, Luis Sommer, *Estudos Culturais, Educação e Pedagogia*, 2003, p. 43.

⁴ Stuart Hall, *The spectacle of the 'other'*. In Stuart Hall (Org.), *Representation, Cultural Representation and Signifying Practices*, 1997.

sujeito e conhecimento mude de acordo com a nova consciência linguística que vai se moldando nas sociedades modernas. Essa transformação foi influenciada mais especificamente ao longo do século XX pela dicotomia entre o erudito e o popular, e pela consciência do bem estar nas diferentes classes e papéis sociais. Em relação a essa metamorfose do *ethos* cultural, Costa, Silveira e Sommer apontam que

a cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões. Em sua flexão plural – culturas – e adjetivada, o conceito incorpora novas e diferentes possibilidades de sentido.⁵

Assim como assinalam Wortmann⁶ e Maria da Glória Bordini⁷ o cânone literário é um artefato cultural que simboliza ideologicamente a configuração da sociedade após a revolução industrial e suas consequências. Alguns termos antitéticos e maniqueístas foram extraídos desse contexto, como alta cultura *versus* cultura de massa, cultura burguesa *versus* cultura operária e cultura erudita *versus* cultura popular. Nessas dualidades, compreende-se sempre o primeiro termo como reflexo do espírito humano, e o segundo termo como aquilo que é ligado ao profano, ao inculto e irrelevante. Apesar de alguns intelectuais acreditarem que este assunto já não é relevante, é por causa dessa binarização que ainda se pensa que um texto é literatura e outro não. Como destaca Rita Schmidt, isso acontece “porque um sentido específico do literário foi historicamente construído em contato com obras definidas em termos de valor inalterável, definido como canônico”⁸.

Dois principais fatores influenciaram a eclosão dos Estudos Culturais: o impacto do capitalismo com o advento das novas tecnologias, e a perda territorial

⁵ Marisa Costa, Rosa Silveira, Luis Sommer, *Op. Cit.*, 2003, p. 36.

⁶ Maria Wortmann, Marisa Costa, Rosa Silveira, *Sobre a Emergência e a Expansão dos Estudos Culturais em Educação no Brasil*. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/18441/12751>. Acesso em: 24 abr. 2019.

⁷ Maria da Glória Bordini, *Estudos Culturais e Estudos Literários*, 2006, p. 11 a 22.

⁸ Rita Schmidt, *Entrevista com Rita Terezinha Schmidt*, In *Teresa: revista de Literatura Brasileira*, 2016, p. 256.

das colônias inglesas adjunta à configuração do fim do império. Contudo, a transformação deste cenário binário e homogêneo num cenário de diversidade e polissemia que se configurou ao longo do século XX tomou alguns anos. Após o declínio e a perda de territorialidade do império britânico, muitos colonizados migram para a *casa imaginada*: a Inglaterra. É a partir desse contexto que passa a existir uma atratividade acadêmica para a produção de estudos sobre questões coloniais. Alguns exemplos são os pensadores Stuart Hall, Edward Said e Gayak Spivack, de nacionalidade jamaicana, palestina e indiana, respectivamente.

Na entrevista *A formação de um intelectual diaspórico*, realizada por Kuan-Hsin Chen, Stuart Hall revive a trajetória migratória da Jamaica à Inglaterra.⁹ O autor recupera a intensa experiência das tensões coloniais que refletiam na subjetividade fragmentada de sua família jamaicana.

Desde o início, o que era encenado em minha família, em termos culturais, era o conflito entre o local e o imperial no contexto colonizados. Ambas as frações de classe se opunham à cultura da maioria, do povo negro jamaicano pobre: altamente preconceituosas em relação a raça e cor, identificavam-se com os colonizadores. (...) Por ter sido criada no contexto jamaicano do engenho, minha mãe se considerava praticamente inglesa. Ela pensava que a Inglaterra era a sua pátria e se identificava com o poder colonial.¹⁰

Em contrapartida, os Estudos Culturais passaram a funcionar em favor de uma educação em que a sabedoria e os interesses das pessoas comuns fossem valorizados. Portanto, agia contra o movimento da elite, de invalidar certos saberes ao dialogar com a tentativa estrutural de separação de conteúdos por área de conhecimentos.

A partir da década de 1960, com a formação da Nova Esquerda, Hall comenta que houve uma desintegração de pesquisadores como Raymond Williams, Edward Thompson e Richard Hoggart dos ideais marxistas clássicos. Os pensadores que se desintegravam negavam tanto a noção de *superestrutura*, vertente do materialismo histórico marxista, quanto o exercício de críticas sobre

⁹ Stuart Hall, *A formação de um intelectual diaspórico*, 2003, p. 408 a 409.

¹⁰ *Ibidem*.

temas como lutas de classe e hierarquia no local de trabalho.¹¹ Foi essa desintegração que possibilitou o deslocamento de estudos étnicos, os estudos das questões raciais e os estudos de gênero para os Estudos Culturais.

2. Estudos Culturais, estudos literários e os desafios de linguagem

Ao escrever uma crítica sobre a relação entre Estudos Culturais, Literatura e a questão mercadológica, a professora Maria da Glória Bordini assinala noções chave entre cultura e literatura na pós-modernidade.

[...] até a década de 1960, “cultura” era um conceito monolítico, que abarcava apenas as mais altas realizações do espírito, assim como “literatura” só se aplicava às obras de linguagens consagradas pelo tempo e incluídas nos cânones pelos críticos e historiadores literários.¹²

A consagração e repetição de obras consideradas clássicas no circuito literário é uma verdade irreparável tanto no contexto das literaturas mundiais como no contexto das literaturas brasileiras. Não raro se refere aos *grandes autores*. No cenário mundial, William Shakespeare é um exemplo clássico desta consagração, enquanto no Brasil, temos, por exemplo, Machado de Assis. Mas onde estão as outras vozes do círculo cultural literário e por que não estão nos centros de discussão literária?

O artigo já citado de Bordini pensa justamente a relação mercadológica que se acentua através das novas manifestações midiáticas. Evidentemente, até mesmo a *cultura pop* organiza seu próprio cânone. A existência de cânones parece natural, seja em uma estante de livros, seja na ementa de uma disciplina acadêmica. Segundo Bordini, o cânone não é só um fenômeno que se restringe ao mundo sagrado das literaturas universais. O cânone faz nos pensar nas escolhas como resultados de filtros e tensões centralizadoras das manifestações culturais. Esta peneira que exalta e repete determinados discursos expressa um

¹¹ Giovani Bezerra, *A cultura em debate: (des)encontros entre o marxismo e os estudos culturais*, 2017.

¹² Maria da Glória Bordini, *Estudos Culturais e Estudos Literários*, 2006, p. 11.

movimento pedagógico entre os signos da cultura mundial e aqueles representantes da cultura nacional.

Isso nos traz ao questionamento pedagógico dos termos canônicos: como seu fenômeno influencia e tensiona o pensamento sobre as questões locais? O que liga as questões levantadas pelo livro ao grupo social que as utiliza? O professor e o leitor precisam pensar sempre criticamente na existência dessa ponte que liga o literário ao mundo que o circunda. Afinal, até onde a universalidade e uma definição autocentrada prejudicam a visibilidade de outras percepções que poderiam se estender às necessidades da comunidade, da educação e da própria universidade? Essas questões devem ser levado levadas em consideração na organização de um conjunto de obras.

Avaliando a Literatura como um pressuposto, como quer Terry Eagleton, para um diálogo estético e social entre os artistas e os leitores na sociedade, podemos pensar que o encerramento de um discurso autoral sublinha uma relação sociológica e econômica. Esta condição mercadológica da literatura destaca a relação mimética do público leitor com os discursos culturais, evidenciando o prestígio temático em um ethos social. Logo, não necessariamente haverá privilégio na circulação de escritores cujos temas tratem de necessidades sociais existentes na localidade. Tais produções literárias, em nível mercadológico, são direcionadas a um público especificamente acadêmico, onde começam a ganhar reconhecimento para então se popularizarem.

Nesse sentido, os efeitos da seleção da literatura apontam para uma sobreposição pedagógica do estrangeiro sobre o local, conforme as pesquisas de Gianni Vattimo. O termo “sociedade transparente”¹³, utilizado pelo autor, passa por uma noção relacional entre a organização de cânone e a construção da subjetividade como processo geocultural. O discurso das manifestações globais ou estrangeiras submete à identidade nacional a valorização de conhecimentos e problemas do panorama histórico-social mundial. A massificação e o

¹³ Gianni Vattimo, *A sociedade transparente*, 1991.

engessamento, citadas por Vattimo, são o tipo de condição de coerência discursiva que se instauram no sistema mercadológico da literatura atual. O jornalista, publicitário e escritor brasileiro Antonio Torres, por exemplo, em uma entrevista ao programa *Superlibris* diz que:

[...] o imaginário global que nos chega o tempo todo está se impondo sobre o imaginário local, e como o local não faz parte do global, também não faz parte do imaginário nosso, da nação. A meu ver é isso, nós estamos consumindo o imaginário que vêm de fora, porque nossa cabeça está sendo formatada toda para isso.¹⁴

Nesse sentido, o discurso que faz com que essas literaturas consideradas superiores permaneçam ainda carregando os resquícios de um eruditismo velado está associado ao discurso de progresso. É na globalização e na rapidez das novas plataformas que o espírito erudito é proliferado. Essa rapidez de textos estereotipados e economizados da literatura podem ser encontradas em citações de pensadores, filósofos e escritores, por exemplo, na internet. Autores consagrados são sintetizados em frases que possuem um sentido quase espiritual para o leitor moderno. Se poderia citar um grande número de autores, mas este não é o tema do presente artigo.

É importante, contudo, enfatizar que em vez de serem lidas a partir de um efeito estético ligado ao projeto literário da obra, essas citações se fixam dentro de um estado de espírito do leitor. Não raro, tal estado de espírito não possui qualquer conexão com o texto, tampouco o explica. Não se pode deixar de registrar, porém, que essas frases, quando em trânsito no mundo virtual, instigam os usuários à prática de leitura. Por outro lado, isso não significa que favoreçam uma leitura crítica ou mesmo o pensamento crítico.

Em oposição à ideia de cânone literário, Terry Eagleton, em *Crítica e Sociedade*, utiliza a expressão “sensibilidade inteligente”¹⁵ para definir a fuga do cânone (caracterizada como um ato crítico) como uma ação significativa e

¹⁴ Antonio Torres. *Entrevista em vídeo e áudio sobre a representação*. In *Superlibris*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lu2dhvzj75g> Acesso em: 02 mar. 2019.

¹⁵ Terry Eagleton, *Conclusão: Crítica Política*, In Terry Eagleton, *Teoria da Literatura: uma introdução*, 2003, p. 273.

política, marcada pelo discernimento. Em sua perspectiva, a sensibilidade inteligente projeta a autonomia, e, por consequência, um desvio dos constantes encontros com estereótipos relacionados à antiga ideia de literatura como uma cultura erudita.¹⁶ Existem, portanto, literaturas diversas, assim como existem diferentes tipos de histórias. Nenhuma, porém, deve causar sensação de pertencimento maior do que aquelas ligadas às geografias e à realidade da vida, do espaço e do efeito da sociedade onde é consumida e vendida. Por que sabemos tão poucos de nossos mitos, das origens indígenas e das histórias e causos locais? É com esse discurso que Eagleton acrescenta a discussão sobre escolhas das obras de literatura, que servem sob sua perspectiva como ferramenta de análise e principal abordagem para os Estudos Culturais.

Analisar a literatura como um produto artístico derivado de um ser político cuja pretensão é caracterizar-se como verdadeiro traz à tona a importância dos estudos foucaultianos. Segundo Alfredo Veiga-Neto e Tatiana Luiza Rech em relação ao tema da verdade, o viés foucaultiano elucida os caminhos trilhados entre discurso e poder.¹⁷ A investigação da verdade na literatura entende a composição discursiva como principal produto humano. Para esses pesquisadores, essas verdades devem ser questionadas em prol da diversidade atual de discursos na cultura.

E, como não há vida acadêmica sem disputas, debates e jogos de poder, a todo o momento se assiste a lutas entre uns e outros, veladas ou explícitas, suaves ou encarniçadas. Quanto a isso, preferimos adotar a postura deleuziana, segundo a qual, só aceita entrar num debate para convencer e vencer o opositor aquele que acredita estar de posse de uma verdade acima de si mesmo. É fácil ver que, também para Foucault, isso não faz sentido. O que faz sentido é examinar a pertinência dos usos que se fazem das verdades que se instituíram no nosso mundo.¹⁸

Em relação aos estudos literários, muitos intelectuais posicionam-se de forma polivalente, extensa e metafórica quando se trata da definição da Literatura. Andrew Milner, na obra *Literatura, Cultura e Sociedade*, ao investigar

¹⁶ Terry Eagleton, *Op.Cit.*, 2003, p. 1 a 22.

¹⁷ Alfredo Veiga-Neto e Tatiana Luiza Rech, *Esquecer Foucault?*, 2014, p. 71.

¹⁸ *Ibidem*.

a posição simbólica e social da concepção da Literatura, sublinha que no século XIX, o artefato literário começa caracterizado por sua relação com um o “registro escrito”, uma marca de privilégio social. Define-se também por “criação imaginativa” sem qualquer conexão com a política e religião.¹⁹

Eagleton em *Teoria da Literatura: Uma Introdução*, por exemplo, vai relacionar o poder político e ideológico da literatura, ao poder de transformação do campo simbólico-social. Critica, com isso, a construção discursiva da crítica literária que atende primordialmente os elementos concretos do texto em vez da realidade social.²⁰ Dessa forma, o autor tece sua crítica à formação de um cânone ou tradição literária:

Certos escritos são selecionados como mais redutíveis a esse discurso do que outros; a eles dá-se o nome de literatura, ou de ‘cânone literário’. O fato de esse cânone via de regra ser considerado razoavelmente fixo, por vezes até mesmo eterno e imutável, tem um sentido irônico, porque como o discurso literário crítico não tem significado definido, ele pode, se assim quisermos, voltar sua atenção a mais ou menos qualquer tipo de escrito.²¹

Ao pensarmos o ensino de Literatura em conjunção com a discussão crítica sobre o cânone literário, são relevantes as palavras de Bordini: “(...) uma instância do contato com a literatura reside no reconhecimento de que a leitura é um saber cuja pertinência quem decide é o leitor no quadro de sua vida”²². Isso não significa necessariamente conceder poder ao aluno para uma possível desautorização ou invalidação da obra escolhida pelo professor, de acordo com o objetivo da disciplina. Criticar o cânone ou a tradição literária exige ponderação do docente da literatura em relação às práticas discursivas e argumentativas. Tais práticas enunciativas e pressupostos, como reitera Eagleton, devem guardar um olhar atento tanto aos problemas geoculturais quanto ao conhecimento do aluno em relação aos estudos literários.

¹⁹ Andrew Milner, *Literature, culture and society*, 2005, p. 23 a 27. Tradução minha para, respectivamente, ‘writing’ e ‘imaginative creation’.

²⁰ Terry Eagleton, *Op. Cit.*, 2003, p. 304.

²¹ *Ibidem*.

²² Maria da Glória Bordini, *Op. Cit.*, 2006, p. 12.

Exige-se tanto do crítico literário quanto do professor ou aluno de literatura, independentemente do lugar que exerce nas instituições educacionais, que se repense as formações discursivas produzidas na cultura. Parece pertinente, na contemporaneidade, que a crítica à seleção de um cânone literário não deve estar ligada apenas a uma nova seleção de obras literárias nas ementas. A preocupação deve ter como foco o recorte da literatura que é trabalhado, e a forma como se trabalha-o. Sobretudo, o ato de criticar a tradição deve estar relacionado ao exame do estado do pensamento crítico-social. O pensamento crítico social está diretamente ligado ao reconhecimento do lugar-comum, do estereótipo e do cliché como funções de linguagem utilizadas para produção de discurso.

Nesse sentido, o pensamento crítico e a consciência das políticas locais são resultados de um trabalho baseado na articulação dos saberes e na exploração das formações do discurso. Assim, só é possível compreender o propósito dos artefatos culturais através da investigação das formações discursivas. Como pode a literatura ajudar na compreensão da vida política da contemporaneidade enquanto não dialogar com as preocupações relevantes ao campo de visão cultural do aluno? Como poderia a literatura surtir algum efeito no aluno, se as discussões derivadas da obra não o colocam em uma posição de interlocução com a mesma? Como essas obras são trabalhadas na sala de aula; como elas repercutem fora do ambiente de ensino? Como são representadas nas mídias sociais?

Um noticiário de televisão, as imagens, gráficos etc. de um livro didático ou as músicas de um grupo de rock, por exemplo, não são apenas manifestações culturais. Eles são artefatos produtivos, são práticas de representação, inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado e as hierarquias são estabelecidas.²³

O pensamento crítico permite que o estudioso enxergue os lugares de fala alinhavados pelo discurso. Ele possibilita o diálogo com a realidade do aluno,

²³ Maria Wortmann *et al.*, *Op.Cit.*, 2003, p. 38.

brasileiro, de uma academia composta de pensamentos não-indígenas²⁴, e, portanto, de fraca atividade reflexiva. Pensar a respeito dessa problemática possibilita tanto a retomada do conceito e propósito da Literatura, quanto uma crítica aos resquícios do discurso de validação da dicotomia *cultura alta versus cultura popular* que ainda reverberam nas instituições educacionais pós-modernas. Tais resquícios ainda circulam pelos discursos, especialmente em redes sociais e outras comunidades virtuais. Portanto, através da análise cultural crítica é possível aprender de que forma ideologias se insurgem em relação ao artefato literário.

3. Estereotipagem e o uso da língua: a emulação de um inimigo

A segunda discussão está efetivamente ligada ao uso de vocabulário que resultam em desinteresse, e à redução de espaços de debates críticos da teoria pós-colonial, ou anti-colonial, como quer o viés decolonial. A crítica que se tece aqui é em relação à performance no Pós-colonialismo. Conforme Eagleton, o uso da linguagem e discursos encerra pressupostos ideológicos cruciais em sala de aula. Observa-se, neste estudo, como a enunciação pode ajudar ou prejudicar a criação de novas formas de perceber o campo teórico em questão.

Tanto os Estudos Culturais quanto as Teorias Culturais Contemporâneas, em síntese, exibem em seu acervo de publicações e artigos relacionados a investigação de um tema, que quase sistematicamente e através da linguagem está programado para descrever o objeto de estudo através da emulação de um inimigo.

O *ethos* do inimigo é configurado através de uma análise discursiva que busca elucidar ao leitor um conjunto de características; características essas que

²⁴ A palavra 'indígena' possui duas funções – substantivo e adjetivo - e alguns usos como (1) relativo à população autóctone de um país, vítimas de um processo de colonização; (2) a arte ou artefatos produzidos por grupos sociais pela população autóctone; (3) o que é originário do país, região ou localidade em que se encontra.

objetivam afiliar a representação de *inimigo* a significantes que se opõem aos movimentos políticos pós-modernos das sociedades democráticas de base marxista. Alguns desses significantes sobrecarregados de sentidos negativos são *homogeneidade; ocidente; hegemonia; universalismo; colonizador; global e moderno*. Tal preocupação também está associada à escrita deste trabalho. Procurou-se evitar um discurso homogêneo e passional a favor das margens, justamente para retirar delas o estatuto de vítima produzido pelo discurso Pós-Colonial na área dos estudos pós-coloniais. Nesse sentido, através da argumentação, o trabalho também traz a ideia de que a paralisia crítica não se dá somente devido a ausência da recuperação da visão socio-histórica.

Por outro lado, sabe-se que tais significantes deram suporte - nas décadas de 60 a 80, com as manifestações jovens antibelicistas vistas nos *hippies*, e com os movimentos negro e feminista, conforme Bordini - não só para a ênfase dos estudos engatilhados pela dissipação do poder, mas também para a importância da literatura como ferramenta da conscientização histórica, cuja natureza política é sempre aberta e dialogável.²⁵

Entretanto, o enfoque no sujeito oprimido empobrece a busca pela diversidade teórica, uma vez que ela monotematiza a crítica social. A redução do pensamento crítico do investigador através do uso repetido destas angulações contradiz o pensamento central dos Estudos Culturais e das próprias intenções de um estudo pós-colonial. Afinal, já se sabe quem são essas identidades descentradas. Por outro lado, o pressuposto de que a *culpa é do Ocidente* na avaliação de literaturas de minorias, como as literaturas indígenas, feministas, LGBTQI+'s ou negras, produz resultados negativos no debate cultural para o campo da produção acadêmica, que lida com discernimento e pensamento crítico. Isso acontece especialmente quando a ênfase argumentativa for somente uma visão culpatória e binária das representações culturais. Esses resultados negativos advêm de noções concebidas por meio do estereótipo, levando a uma

²⁵ Maria da Glória Bordini, *Op. Cit.*, 2006.

redução da prática da reflexividade estabelecida na performance teórica.
Segundo a semioticista francesa Ruth Amoussy:

A estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela definida e no interior da qual ela o classifica.²⁶

Um exemplo dessas generalizações frequentes no âmbito da teoria da crítica colonial está no uso combinatório de jogos de palavras do enunciado pós-colonial. Não raro se pode escutar expressões como: *inglês-colonizador*, *americano-capitalista*, *homem-sexista*, ou *branco-racista* como forma de crítica, mas que já não expressam qualquer intenção de buscar ou racionalizar dados, construir novas redes de informações, ou realizar novas conexões. O que se percebe, sobretudo, é uma vontade de punição e a presença de um *ethos* inimigo.

Contudo, esta análise da presença do estereótipo e do clichê no uso da teoria pós-colonial contra as manifestações da colonização não implica num ato de esquecimento dos discursos construídos na história. A questão não é dar voz ao antigo colonizador, mas objetivar uma ênfase na busca, em detrimento da banalização da história e, por consequência, na própria existência de um campo teórico que trate de questões identitárias como etnia, gênero, sexualidade e raça. Como ensina Amoussy, “na perspectiva argumentativa, o estereótipo permite designar os modos de raciocínio próprios a um grupo e os conteúdos globais no setor da doca na qual ele se situa”²⁷. Em outras palavras, o estereótipo tem uma função econômica na prática discursiva, com a capacidade de reunir um conjunto de informações acerca de um determinado *ethos*.

A preocupação com a evocação do uso das palavras remete à reflexão fundamental do papel tanto do crítico literário como do professor de Literatura, descrito por Eagleton no capítulo intitulado *Conclusão: Crítica Política*:

²⁶ Ruth Amoussy, *Imagens de si no Discurso: a construção do ethos*, 2005, p. 125.

²⁷ *Ibidem*.

Os teóricos, críticos e professores de literatura são, portanto, menos fornecedores de doutrina do que guardiões de um discurso. Sua tarefa é preservar esse discurso, ampliá-lo e desenvolvê-lo como for necessário, defendê-lo de outras formas de discurso, iniciar os novatos ao estudo dele e determinar se eles conseguiram dominá-lo com êxito ou não. O discurso, em si, não tem um significado definido, o que não quer dizer que não encerre pressupostos: é antes uma rede de significantes capaz de envolver todo um campo de significados, objetos e práticas.²⁸

Esta discussão está pautada por pedagogias que tencionam tanto um encontro da estabilidade conceitual do trabalho investigativo quanto um desencontro. Produz, assim, no quadro de publicações acadêmicas que se utilizam de estudos da cultura, certos binarismos e antagonismos ideológicos. Paradoxalmente, tais binarismos e antagonismos contradizem toda a prática pedagógica dos Estudos Culturais.

4. Considerações Finais: Como tratar o discurso Pós-Colonial?

No que concerne à literatura, o presente artigo permite enxergar que a abertura crítica proposta pelos Estudos Culturais possibilita um diálogo em articulação, sustentado pela visibilidade pluritemática de inúmeras polifonias. Esse diálogo é tecido por uma argumentação de diferentes áreas de saber, agindo sobre a produção, circulação e crítica literária da obra. Seu viés está pautado, sobretudo, pela aceitação das diferenças, pluralidades, singularidades e particularidades. Tal relação envolve uma preocupação, sobretudo, com o uso da língua e as formas de representação. Levando em consideração as instruções hallianas do conceito de sistemas de representações, no texto *Representantion, Cultural Representation and Signifying Practices*, compreendemos que

[...] existem dois processos, dois sistemas de representação envolvidos. Primeiro, existe o sistema pelo qual todos os tipos de objetos, pessoas e eventos estão correlacionados com um conjunto de conceitos ou representações mentais que carregamos em nossas cabeças. Sem elas, nós não poderíamos interpretar o mundo com algum sentido se quer. Em primeiro lugar, então, os significados dependem de um sistema de conceitos e imagens formadas em nossos pensamentos, que podem

²⁸ Terry Eagleton, *Op. Cit.*, 2003, p. 304.

substituir ou representar o mundo, capacitando-nos fazer referências às coisas dentro e fora de nossas cabeças.²⁹

Através dos Estudos Culturais, os cânones literários e a circulação de certas obras são tratados por uma observação analítica das formações discursivas inseridas na cultura: nas mídias, nas expressões de ruas, nas novelas e no teatro, nas revistas e jornais eletrônicos e em outros produtos culturais. A partir deste viés, observa-se a relação entre os críticos literários e as obras que procuram consagrar. É possível, também, investigar a presença dessas repetições discursivas no sistema educacional, ou mesmo sua ausência. Entende-se, assim, o modo como a cultura se apropria dos fenômenos literários, além de avaliar as causas dessas ocorrências.

Em relação à reflexão de Milner sobre os excessos críticos no âmbito da expressão literária, há de salientar-se que a forma como as literaturas são discutidas e abordadas em aula precisam ter uma relação genuína com o aluno, a cultura e a sociedade. A obra convida os programas de graduação e pós-graduação da área de Literatura para realizar um levantamento de análise crítica das últimas produções científicas sobre o cânone literário. Tal sugestão de postura procura incentivar a busca de conflitos socioculturais, dos quais esses alunos se encontram interpelados.³⁰

O viés milneriano coloca a sala de aula das universidades, a literatura e a comunidade a favor da transformação cultural. Essa abordagem abre espaço para uma avaliação criteriosa de lugar e trânsito de poder na sociedade; permitindo, sobretudo, interagir com narrativas e sabedorias de forma dialética na

²⁹ Stuart Hall, *The Work of Representation*, In Stuart Hall (Org.). *Representation, Cultural Representation and Signifying Practices*, 1997, p. 17. Tradução Minha. "[...] there are two processes, two systems of representation, involved. First, there is the 'system' by which all sorts of objects, people and events are correlated with a set of concepts or mental representations which we carry around in our heads. Without them, we could not interpret the world meaningfully at all. In the first place, then, meaning depends on the system of concepts and images formed in our thoughts which can stand for or 'represent' the world, enabling us to refer to things both inside and outside our heads."

³⁰ Noção criada por Althusser, um dos expoentes da crítica do marxista dos anos 70, cujo pensamento aponta que toda ideologia interpela os indivíduos concretos enquanto sujeitos concretos, através do funcionamento da categoria de sujeito.

construção do professor e do aluno como pesquisadores. Nesse viés, o espaço de aprendizagem se torna mais real à medida que permite uma agência maior do sujeito sobre a diversidade cultural, a ética e a moral nas questões locais, transfigurando o duplo *alta cultura versus baixa cultura* numa possibilidade articulatória de saberes.³¹

Logo, o debate em torno da função e insurgência dos Estudos Culturais e sua influência na literatura está diretamente ligado às questões identitárias e políticas. Contemporaneamente, na literatura, essa abordagem articulatória e interdisciplinar é vital, pois visibiliza literaturas não canônicas e consideradas inferiores. Permite, além disso, refletir sobre novas contestações que vão além de tratar da hegemonia, do branco, do ocidente e do colonizador; sem, ao mesmo tempo, esquecer seu ethos discursivo.

Portanto, a compreensão dos estereótipos e consciência de produção de linguagem percorre um trajeto de amadurecimento saudável e produtivo, uma vez que os estereótipos estão diretamente atrelados à construção de identidades. Embora o uso do estereótipo traga toda carga semântica negativa relacionada ao preconceito e ao julgamento, ele tem outra faceta positiva, que segundo Harkot-De-La-Taille é a de ser “uma possibilidade de economia muito interessante e necessária à vida cotidiana”³².

A busca por um culpado empreendida pelo pesquisador da linha de estudos pós-coloniais precisa ser repensada em prol da própria contribuição efetiva dos estudos articulatórios da área. Afinal, uma das riquezas dos estudos que se preocupam com as questões coloniais é pensar o outro lado da história. Contudo, em vez de emular-se um inimigo, parte constitutiva da justificativa da costura da crítica colonial, poderia se pensar em responsáveis por conjunturas e problemas sociais. Enquanto a argumentação se resumir a binarismos como culpado *versus* vítima, todo discurso a favor das minorias se rebaixa,

³¹ Maria Wortmann, *Op. Cit.*, 2015, p. 34.

³² Elizabeth Harkot-De-La-Taille, *Sentir, saber, tornar-se: estudo semiótico do percurso entre o sensorio e a identidade narrativa*, 2013, p. 134.

apresentando sua imagem própria como coitada, inculta, inferior ou incapaz de argumentar sobre os acontecimentos, fragilizando seu movimento retórico.

No âmbito da retomada de uma enunciação crítica e versada no tempo da crítica colonial contemporânea, se poderia adotar uma postura argumentativa que exponha o contexto histórico específico, a nação, ou um determinado ethos enuciativo como responsável por determinados acontecimentos, assim problematizando e enfatizando a argumentação dos fomentos desiguais do cenário local. Principalmente, deslocando-o de um espaço fantasmagórico, da presença da ausência, como quer Platão, para uma faceta temporal, palpável e penetrável.

Através de uma preocupação com os mecanismos de produção de sentido, levando em conta os efeitos desse sentido em um aluno de literatura, a conclusão deste trabalho aponta mais para alguns questionamentos ou sugestões de reflexão: como pode o pós-de-anticolonialismo livrar-se de seus aspectos negativos que lhe são *caricaturados* e reforçar o caráter positivo de sua imagem? Como poderiam as disciplinas de Literatura elevar o leitor em detrimento das preocupações sociais efetivamente interpeladoras de suas subjetividades? Em que extensão a Literatura está entendida como parte da Cultura e das relações sociais? Seria a transformação da produção dos enunciados um meio de cessar retrocessos e estagnações na cultura e na literatura? Ficam os questionamentos.

Referências

AMOSSY, R. *Imagens de si no Discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

BEZERRA, Giovani Ferreira. *A cultura em debate: (des)encontros entre o marxismo e os estudos culturais*. In: *Cultura e Sociedade* – v. 30, n. 46, 2017.

BORDINI, Maria da Glória. *Estudos Culturais e Estudos Literários*. In: Letras de Hoje. Porto Alegre, v.41, n.3, p.11-22, setembro, 2006.

COSTA, Marisa V.; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. *Estudos Culturais, Educação e Pedagogia*. 36. Nº 23 Maio/Jun/Jul/Ago., 2003

EAGLETON, Terry. *Conclusão: Crítica Política*. P.1-22 In: EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. 5. ed. Trad. Waltencir Dutra. São Paulo. Martins Fontes, 2003.

HALL, Stuart. *A formação de um intelectual diaspórico*. In: Da diáspora: Identidades e mediações culturais / Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... et al. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. *The Work of Representation*. In: HALL, S. (Org.). *Representation, Cultural Representation and Signifying Practices*. London, Sage/Open University, 1997.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, E. *Sentir, saber, tornar-se: estudo semiótico do percurso entre o sensorio e a identidade narrativa*. São Paulo, 2013, Tese de Livre Docência. 2013.

MILNER, Andrew. *Literature, culture and society*. 2 ed. Londres & Nova York: Routledge, 2005.

SCHMIDT, Rita. *Entrevista com Rita Terezinha Schmidt*. In: Teresa: revista de Literatura Brasileira, N.17, São Paulo: USP, 2016, p. 251-264.

SCHWARZ, Bill. *Onde estão os Cultural Studies?* Revista de Comunicação e Linguagens, Universidade Nova de Lisboa, nº28, out, 2000.

VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Rio de Janeiro: Edições 70. Tradução de Carlos Aboim de Brito, 1991.

VEIGA-NETO, Alfredo. RECH, Tatiana Luiza. *Esquecer Foucault?* In: *Pro-Posições* | v.25, n.2 (74) | p. 67-82 | maio/ago, 2014.

WORTMANN, M.L; COSTA, M; SILVEIRA, Rosa. *Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil*. Porto Alegre: Editora Educação, 2015. Disponível em:
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/18441/0>
Acesso em: 02 mar. 2019.

Referência para citação deste artigo

SOUZA, Alisson. Estudos Culturais, Estudos Literários e Discussão Pós-Colonial: refletindo sobre o pensamento crítico. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 1, número 2, p. 22 - 41, outubro de